



## OS ALUNOS 2.0 ESTÃO ENTRE NÓS! DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS NO AGIR E NO FAZER DOCENTE

ALMEIDA, Airton Lorenzoni<sup>1</sup>

**Resumo:** Este texto propõe a partir de dados obtidos em um levantamento do tipo Survey realizado nos anos de 2011 e 2012 junto a alunos ingressantes no Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Institucional da UNIDAVI (SC), uma reflexão sobre a questão do uso em ambientes digitais de textos que obrigam os sujeitos a uma leitura linear herdada da tradição livresca e o novo paradigma imposto pelas tecnologias de informação e de comunicação no qual a leitura é hipertextual e ancorada em diversificadas formas de linguagem. Desvela o que tem sido tematizado por autores como Kellner e McLuhan sobre esta nova geração de estudantes, herdeiros das tecnologias contemporâneas de Comunicação e de Informação, e aponta que, neste século XXI, há uma urgência de se repensar a escola e a educação como uma instituição atravessada pela cultura midiática e multicultural.

**Palavras-chave:** mídia-educação; cultura digital; leitura; TICs.

### Introdução

A prática docente nos tem revelado que a cada novo ano letivo aumentam os desafios em sala de aula para receber, não só nos cursos universitários, a geração herdeira da era técnico-digital e com ela partilhar saberes, construir e reconstruir conhecimento. Desafios que esbarram, muitas vezes, em certos abismos ainda reinantes no modelo educacional linear vigente e as expectativas e necessidades imaginadas destes sujeitos-alunos hipertextuais, filhos de uma revolução tecnológica marcada pelo fenômeno do tudo-agora, da simultaneidade, do acesso e da portabilidade que as novas tecnologias/ferramentas de informação e de

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação nas Ciências área de Comunicação Social (UNIJUI), Jornalista e Professor-pesquisador do Curso Superior de Tecnologia da Comunicação Institucional no Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí (UNIDAVI). E-mail: almeida.airton@gmail.com



comunicação oferecem, do consumo de bens simbólicos multiculturais, do excesso de informação circulante em redes, em grupos, em tribos.

Fala-se que esta sociedade contemporânea é da Informação e da Comunicação, como se ambos os conceitos denotassem um só sentido, um só processo. Mas não são. Parece ser mais lógico afirmar que a configuração social de hoje é de intrincadas redes telemáticas e computadorizadas, ou seja, “uma sociedade dependente da informação, em grau diretamente proporcional à riqueza de um país”. (PASQUALI, 2005, p. 43). Uma sociedade onde ainda a informação é produzida em conformidade com quem tem o poder de competir, propagar, subordinar de forma verticalizada.

É bem verdade que alguns artefatos técnicos e tecnológicos como o computador e a internet possibilitaram a quem tem fácil acessibilidade, uma polifonia aos sujeitos. Como afirma Pasquali (2005, p. 43) a Web democratizou ainda mais a mídia alcançando a todos simultaneamente e, ainda, “colocou o mais eficiente e inimaginável serviço de correios ao alcance de todos, tornando possível que qualquer um produza seu próprio jornal e o coloque nas telas do mundo inteiro”. O autor, entretanto, ao asseverar que a Web deu voz a todos, parece ter-se esquecido de ressaltar que essas vozes passam por muitas filtragens, especialmente pelos buscadores de conteúdo. O novo formato da ferramenta Google, ao que tudo indica, é um bom exemplo ilustrativo, uma vez que esse provedor de serviços hoje pré-seleciona os conteúdos ao usuário a partir de um perfil estabelecido, medido, personalizado e arbitrado previamente para ele.

Nesse (e desse) cenário cibercultural emergem os sujeitos objeto desta reflexão, sob a seguinte questão-problema: como os acadêmicos ingressantes no curso Superior de Tecnologia em Comunicação Institucional da UNIDAVI (SC) se informam pelos diferentes suportes midiáticos e como encaram a questão da leitura e da informação no seu cotidiano, de maneira a construir e reconstruir o conhecimento tanto nos espaços pedagógicos formais quanto nos não formais.

### **A escola entre a tradição e as redes**

Ainda em meados do século XX McLuhan (1969) alertava que uma geração profundamente marcada pelos efeitos dos suportes midiáticos eletrônicos estava se



formando. Era uma geração sensorial, marcada pelo excesso de informação e consumo de bens, inclusive simbólicos, vendidos de forma espetacularizada em uma sedutora embalagem de imagens, sons e textos pela própria mídia que os envolvia. É a geração do imediato, das tribos que hoje, muitas vezes atônitos, enfrentamos nas salas de aula. Mas o próprio McLuhan, em diversas passagens de sua obra, retoma a questão de que as respostas aos problemas encontram-se sempre dentro deles, nunca fora. E mais: que exigir dessa nova geração elétrica que se dirijam para o futuro com um olhar no espelho retrovisor do passado é o mesmo que querer que uma águia nade.

Tais provocações e prospecções mcluhanianas tem nos direcionado à reflexão sobre o emprego das tecnologias de informação e de comunicação e de como elas, no formato de multimeios e hipermídias, podem servir como instrumento para partilhar poder e saber e, acima de tudo, tornarem-se possibilidades para promover com e pelos meios, uma leitura crítica do mundo. Mais que isso, estabelecer um diálogo e uma socialização com as diversidades culturais, de modo a utilizar os próprios suportes midiáticos e comunicacionais como um canal para as mudanças político-sociais-culturais necessárias.

McLuhan (2003, p. 11) assegura que “não vivemos mais num mundo de rodas, mas sim num mundo de circuitos”. Circuitos estes que não significam apenas os elétricos, mas os que nos integram e nos põem em contato de forma simultânea com uma imensa gama de grupos de pertença e suas multiculturas. Há que se reconhecer que nessa sociedade globalizada, com e pelas suas redes de comunicação e de mídias, o desenvolvimento acelerado e o uso de suportes técnicos, especialmente os digitais, afetaram de maneira significativa todos os espaços da vida social, inclusive o da formação escolar. Essa aldeia global tem entre suas características principais o atravessamento universal pelos efeitos e as possibilidades da comunicação-informação.

Não é de hoje que os multimeios assumiram um papel relevante e decisivo na formação cultural da população, especialmente das classes econômicas menos favorecidas economicamente. Para Marques de Melo (1994), fundamentalmente os suportes midiáticos rádio e televisão, além de democratizar a informação, otimizaram funções culturais como o real e o imaginário em produtos sincréticos e acessíveis.



Esses suportes, segundo Melo (1994, p. 182) “serviram como alavancas para reduzir a distância entre as massas urbanas e o conhecimento simplificado” Ainda segundo esse autor, essas mídias assumiram o papel socializador da cultura, na medida em que “atuam verdadeiramente como educadores coletivos” (MELO, 1994, p. 183).

A sociedade contemporânea, isto é, esta configuração social que se tem denominado a partir dos conceitos de Castells (2000) como sociedade de redes, onde atuamos como educadores, como educandos e, acima de tudo, como cidadãos, nos oferece cotidianamente os mais diversos suportes técnicos e de mídias que produzem a difusão cultural. Eles vão desde a imprensa à radiodifusão, até as hipermídias convergentes em plataformas digitais. Vivemos num mundo de informação e de tecnologias, ambas cada vez mais velozes, que romperam com aquele conceito de espaço e de tempo que tínhamos, isto é, cada coisa no seu lugar, cada coisa no seu momento.

Esse fenômeno do tudo-agora, da instantaneidade, da interatividade, da sociabilidade, do volume de conteúdos produzidos e consumidos nos suportes tecnológicos de informação e de comunicação tem promovido amplas discussões sobre a necessidade de se realizar, no que tange aos espaços educacionais, uma reflexão e um novo olhar sobre o agir e o fazer pedagógico. Debates que não raras vezes desembocam em propostas para se rever o formato vigente da escola conteudista e fechada, que vê as tecnologias de forma utilitarista ou como apanágio de modernidade e não como uma possibilidade de ferramenta pedagógica e didática colaborativa e cooperativa.

Conforme Kellner (2012) defende, os sujeitos precisam nos dias atuais aprender a encontrar o que necessitam saber quando o necessitam saber e desenvolver competências intelectuais para analisar e avaliar se a informação que encontraram é útil para o que querem saber. Para esse autor, como cidadãos comprometidos com uma sociedade justa e democrática, nos espaços pedagógicos tanto os educadores quanto os estudantes de hoje devem desenvolver um pensamento crítico e possuir uma capacidade de expressarem-se através das muitas linguagens propiciadas pelos multimeios. “Os novos ambientes de multimídia precisam de uma diversidade de tipos de interações multissemióticas e multimodais,



que envolvem a interface com palavras e material impresso e, bem frequentemente com imagens, gráficos e materiais de áudio e de vídeo” (Kellner, 2012).

Kellner (2012) postula dessa maneira uma urgência para que tanto professores quanto estudantes se alfabetizem para a informática, uma alfabetização que, segundo ele, “envolve a habilidade de descobrir e acessar informação e habilidades intensificadas de ler, de esquadrihar textos, bases de dados e web sites bem como acessar informações e imagens numa variedade de formas”.

Para McLuhan (1998, p. 298-302) as crianças que nasceram ou estão por vir nesta era eletrônica, da sociedade de excessiva informação e de muitas possibilidades e ferramentas de comunicação, (ou seja, essa geração que em sua maioria ingressa atualmente nas instituições escolares entre as quais as de ensino superior no Brasil) encontram-se profundamente marcadas pelos novos símbolos do tudo-agora, da instantaneidade, do consumo. Por esse motivo se deparam com sérias dificuldades em se adaptar ao modelo de ensino baseado na repetição de fatos fragmentados, lineares, sequenciais, uma vez que, adeptos das novas tecnologias e artefatos técnicos digitais condicionaram-se a ler o mundo de forma hipertextual, mesmo que também lá, no mundo digital, o mundo lhe seja apresentado de maneira editada, direcionada e fragmentada.

A informação oferecida em camadas, o hipertexto sugerindo e/ou direcionando a complementaridade das informações, as possibilidades convergentes propiciadas pelos suportes midiáticos contemporâneos, associados com o acúmulo de informação verbal e não verbais disponibilizadas em redes e em tempo real à própria característica psicossocial dos jovens retribalizados sob o signo do instantâneo, do imediato, nos leva a refletir, junto com Castells (2005, p. 6), que a pior exclusão na história do homem, da educação e da cultura não é estar fora da rede, mas sim “a mais importante forma de ser excluído, e a que menos se fala, é estar conectado na rede e não saber qual acesso usar, qual informação buscar, como combinar uma informação com a outra e como utilizá-la para a vida”. Dito de outra forma: os multimeios em suas variantes formas, tecnologias e ferramentas geralmente acabam empregados como um mero fetiche consumista, e não como uma forma para a emancipação do sujeito através da construção e reconstrução do conhecimento.



Abstendo-se da visão maniqueísta do bem e do mal que esses aparatos técnicos possam ter, é razoável admitir que eles de fato materializaram a famosa metáfora mcluhaniana da Aldeia Global. Não só permitiram que se socializasse um conhecimento, mesmo que este possa ser visto como simplificado e acrítico, mas também uma repartição maior de poder aos receptores que também assumem o papel de emissores, além de propiciar aos sujeitos um *modus vivendi* e *operandi* diferenciado.

Ser digital significa poder ser reinventado ao clique de um mouse [ou de uma tecla do telefone móvel]; metamorfosear-se sem esforço de calculadora em planilha, em processador de textos, em console de edição de vídeo, em campo de batalha e começar tudo de novo. (JOHNSON, 2001, P. 119) [Interpolação minha]

Frente ao exposto, o que está em jogo, o que nos revelam estudos sobre a temática mídia-educação-tecnologia e produção e leitura crítica dos bens simbólicos em circulação nas redes, não é demonizar mídia e tecnologias, nem fetichizá-las pelo ângulo do utilitarismo. O ponto focal parece ser buscar um entendimento de como essas tecnologias, esses conteúdos circulantes podem ser efetivamente pilares de uma educação-ação colaborativa, cooperativa, de consumo e produção responsáveis com vistas a formar cidadãos críticos, éticos, políticos e com olhares culturais múltiplos.

### **Pesquisa e percurso metodológico**

A questão-problema que norteia essa reflexão foi elaborada a partir de uma atividade sugerida aos acadêmicos da disciplina de Teorias Contemporâneas da Comunicação, do Curso Superior de Tecnologia em Comunicação Institucional do Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí, UNIDAVI. O objetivo era mostrar como as pesquisas de opinião desenvolvidas a partir da década de 1920 nos Estados Unidos contribuíram para o *Mass Communication Research*<sup>2</sup> e os primeiros estudos teóricos de Harold Lasswell e Paul Lazarsfeld sobre os modelos funcionais da comunicação.

---

<sup>2</sup> Para o aprofundamento do tema sugere-se a leitura de *A Pesquisa Americana*, texto de Carlos Alberto Araújo e que compõe um dos capítulos do livro *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*, organizado por Antônio Hohlfeldt, Luiz Martino e Vera Veiga França, bem como *Os Empirismos do Novo Mundo*, capítulo do livro *Histórias das Teorias da Comunicação*, de Armand e Michèle Mattelart, indicados nas nossas referências.



Empregou-se um questionário composto de 16 perguntas fechadas e de escolha simples aos ingressantes do referido curso nos anos de 2011 e 2012, totalizando 45 sujeitos-informantes. Os dados obtidos<sup>3</sup> quantitativamente serviram para elucidar como aquela corrente teórica tratava certas questões dos estudos comunicacionais.

Sob o aspecto metodológico o presente estudo tem sua base no método estatístico, embora se reconheça que tal método e algumas de suas técnicas possam ser vistas como desagregadoras e limitantes.

Gil (2009, p. 17) reconhece tais limitações. Entretanto lembra que, ao se fundamentar na aplicação da teoria estatística da probabilidade, esse método se constitui em um importante auxílio para as investigações realizadas no campo das Ciências Sociais. Conforme salienta, mesmo não possibilitando considerar absolutamente verdadeiras as explicações resultantes dos dados obtidos, elas são dotadas de boas probabilidades de serem verdadeiras.

Ao adotar-se o método estatístico por amostragem como base para esse estudo, a pesquisa quanto aos seus objetivos tem caráter descritivo, uma vez que os dados coletados, mensurados e analisados nos permitem realizar uma descrição do perfil do grupo estudado. Sob a perspectiva de procedimentos, a pesquisa é de ordem quantitativa e se delinea como um levantamento de campo ou Survey.

### **Os alunos 2.0 estão entre nós! O que fazer?**

Em 2008 a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios do IBGE em sua abordagem quanto ao uso da internet e a posse de telefone celular no Brasil apontou, em Santa Catarina, que 67, 2% da população com 10 ou mais anos de idade utiliza a internet como ferramenta de ensino e aprendizagem e que, o mesmo grupo pesquisado, no que se refere ao emprego desta ferramenta como forma de leitura de jornais e revistas chega ao patamar de 54,1%. Este quadro parece ser um pouco distinto se confrontado ao grupo de acadêmicos do Curso Superior de

---

<sup>3</sup> Esses dados também nortearam um projeto de pesquisa mais alargado teórica e metodologicamente intitulado "Os ingressantes nos cursos de graduação da UNIDAVI e a apropriação das mídias como forma de informação, comunicação e construção do conhecimento", financiado com recursos do Governo Estadual de Santa Catarina através do Artigo 170 da Constituição Estadual e regulamentado pela Lei Complementar 281/85.



Tecnologia em Comunicação Institucional da UNIDAVI. Dos 45 sujeitos-alunos que participaram da pesquisa, 74% afirma ser a internet seu principal elo entre o que acontece no mundo, no país, no estado e na sua cidade e o seu mundo subjetivo, individual. Quanto à frequência que utilizam a internet para se informar, os números revelam que 78% dos pesquisados acessam diariamente a internet como mídia informativa.

O perfil dos acadêmicos que participaram da pesquisa nos anos de 2011 e 2012 também revela que 51% são do gênero feminino, 49% do masculino, e quanto à faixa etária, 60% estão entre 18 e 25 anos e 31% com menos de 18 anos. Com relação à escolaridade, a maioria absoluta, ou seja, 82% são oriundos de escolas da rede pública.

Quando sondados sobre a utilização da mídia impressa livro, 51% dos pesquisados afirma que raramente compra livros e, destes, 75% compram um livro a cada semestre. Quanto aos gêneros literários, 38% prefere ler romances, 31% literatura específica da área técnica na qual já atua como profissional. Os demais 31% dos entrevistados distribuem-se entre os apreciadores de contos; poesia, livros de autoajuda e novela.

O levantamento também procurou averiguar qual a compreensão que os sujeitos pesquisados têm quando leem um texto. Dos 45 que responderam a pesquisa, 51% afirma compreender na primeira leitura, 47% afirma que precisa ler várias vezes o texto para compreender o que está escrito e 2% diz pedir a ajuda a alguém para que possa interpretar o que está escrito.

Os dados aqui apresentados, mesmo que preliminares e referentes a um grupo específico de sujeitos nos sugerem pressupor uma questão relevante, no que tange a certos usos de tecnologias, ferramentas e ambientes virtuais de ensino-aprendizado. Parece ser razoável admitir que, se os estudantes consomem significativamente informações circulantes nos suportes digitais em rede, esses sujeitos-estudantes consomem os conteúdos disponibilizados pelos educadores na forma de textos para leitura e discussão como complementaridade aos conteúdos ministrados em sala de aula.



Um olhar mais atento aos dados, entretanto, nos leva a interrogar se este material disponibilizado, de fato, tem sido apropriado pelos alunos-sujeitos de maneira a construir e reconstruir o conhecimento. Como já ressaltamos essa geração elétrica do tudo agora, da hipertextualidade, das muitas linguagens visuais e sonoras possibilitadas pelas novas tecnologias e ferramentas de informação e de comunicação convergentes na internet, parece encontrar certa dificuldade em ler e compreender textos lineares, oriundos da cultura impressa, uma vez que eles encontram-se cada vez mais distanciados da geração da linearidade do livro e da imprensa escrita.

Diante desse quadro, McLuhan (1971, p. 219) nos chama a uma reflexão:

Os filhos do homem tecnológico respondem com um prazer espontâneo à poesia dos trens, dos navios, aviões, e a beleza dos produtos das máquinas. Na sala da escola, o oficialismo suprime toda a sua experiência natural; as crianças são divorciadas de sua cultura. Não lhes é consentido abordarem a herança tradicional da humanidade através da porta da consciência e compreensão tecnológicas; essa porta, a única que lhes é possível, foi-lhes fechada na cara. A outra porta que lhes resta é a do intelectualismo. Poucos a encontram e ainda menos encontram o seu caminho de retorno à cultura popular (MCLUHAN, 1971a, p. 219).

Nesse sentido parece importante ressaltar que as instituições escolares estão cada vez mais recebendo em suas salas, alunos digitais ou alunos geração 2.0, numa alusão à plataforma e ao ambiente em que se estrutura a atual Web. Ou seja, uma internet na qual os sujeitos não são meros consumidores de conteúdos mas também produtores e na qual o espaço e o volume da informação pode assumir o caráter infinito se comparado a outros suportes midiáticos tradicionais como os impressos, o rádio, o cinema e a televisão, limitados por um espaço-tempo físico, geográfico e tempo horário relógio.

O modo infinito atribuído à internet está na questão de que as informações produzidas para ela são arquitetadas em camadas, unidas entre si por links, pela hipertextualidade e pela multimodalidade, integrando assim vários tipos de linguagem simultaneamente como texto, imagem, vídeo e som em um espaço-tempo não comprimido. Esse aspecto é o que possibilita aos sujeitos percorrer caminhos diferenciados dentro de uma informação, apropriando-se do que lhe interessa no momento e descartando as demais possibilidades de leitura e complementaridade ou aprofundamento ao tema. O hipertexto permite ao leitor uma oportunidade de



construção própria e única de ler e até transformar o conteúdo do documento. Característica que a maioria dos textos lineares (não raras vezes meras reproduções digitalizadas de capítulos ou trechos de livros) que os professores postam nos ambientes virtuais não carrega.

Manuais de redação para a Web são enfáticos quanto à forma de escrever para o público deste tipo de suporte midiático. Um texto principal deve ter entre 15 e 20 linhas, ou o suficiente para preencher a tela do computador, sem que o leitor precise usar a barra de rolagem, a qual dificulta a continuidade da leitura. (Rodrigues, 2005).

Em suas pesquisas e teorias sobre a construção da informação para a Web, Canavilhas (2007) sugere que a mesma se dê em quatro fases ou níveis, isto é, nos dois primeiros – o que corresponderia a um ou no máximo dois blocos curtos de texto – reponde-se às seis clássicas questões necessárias a um informe, nessa ordem: O que? Quando? Quem? Onde? Por quê? E como? À terceira fase, que ainda estaria dentro do limite máximo das 15 a 20 linhas de texto, seriam acrescentados os links com mais informações através de linguagens audiovisuais, que por sua vez também podem carregar links de novas contextualizações e, por fim, na quarta etapa ou fase denominada de exploratória, mais links e hiperlinks sugerindo que o leitor trace novos rumos à sua leitura, buscando dados em arquivos fora do texto, do site ou do portal principal.

Esses aportes nos fazem questionar a validade do emprego de longos textos lineares em ambientes virtuais, inclusive e especialmente os de aprendizagem, quando, na verdade, eles se apresentam apenas em uma embalagem moderna possibilitada por softwares e ferramentas, mas que na sua essência carregam a forma linear da escrita e para a qual, ao que tudo indica, os estudantes de hoje não sentem nenhuma atração nem mesmo preparo e técnica para a leitura e compreensão do conteúdo.

Visto por esta perspectiva, as novas tecnologias de informação e de comunicação ao que parece estão a exigir dos docentes um repensar no seu agir e no seu fazer didático e pedagógico. Ou parafraseando Johnson, impondo uma metamorfose de maneira que se torne digital, empregue as ferramentas e suas



múltiplas possibilidades de linguagens e formas para, colaborativa, cooperativa e criticamente construir com os alunos 2.0 os conhecimentos necessários a uma educação contemporânea, cidadã, crítica e definitivamente integrada na sociedade.

### **Considerações, não conclusivas!**

Longe de ser prescritiva e generalista essa investigação, baseada em dados obtidos junto a um grupo específico de sujeitos, assume em sua essência o caráter prospectivo e provocativo a novos estudos acerca do fazer docente. Problematizar a questão do emprego das tecnologias em suas variantes e dos multimeios como aporte e suporte pedagógico é o norte desse trabalho e o seu desdobramento em uma pesquisa maior, chamando a atenção que mídia e tecnologia hoje formam um dos importantes pilares para a educação deste século XXI.

O que se pretende não é receitar algo definitivo. O que se espera é contribuir para que se atualizem conceitos à luz da contemporaneidade, ressaltando, contudo, que não há possibilidades de um computador e suas ferramentas por si só darem conta do papel historicamente construído que o educador e a instituição escolar possuem. Mas que ambos, cada qual em sua dimensão são capazes de nos fazer encontrar respostas aos problemas dentro deles mesmos, e não fora como preconiza McLuhan.

### **Referências**

CANAVILHAS, João. Webjornalismo: da pirâmide invertida à pirâmide deitada. *In*: BARBOSA, Suzana. (Org.) **Jornalismo Digital de Terceira Geração**. Covilhã, Portugal: Labcom/Universidade da Beira Interior, 2007.

BRASIL, IBGE. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio 2008. Disponível em: [http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=sc&tema=pnad\\_internet\\_celular\\_2008#](http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=sc&tema=pnad_internet_celular_2008#) Acesso em: 23 dez. 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

\_\_\_\_\_. O Caos e o Progresso. Porto Alegre, março 2005. **Jornal Extra Classe**, ano 10, n. 89, p. 4, mar• o 2005. Entrevista concedida à Keli Lynn Boop.



GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6.ed., São Paulo: Atlas, 2009.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz; FRANÇA, Vera Veiga. **Teorias da Comunicação**: conceitos, escolas e tendências. 4.ed., São Paulo: Vozes, 2001.

JOHNSON, Steven. **A Cultura da Interface**: como o computador transformou nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KELLNER, Douglas. **Novas Tecnologias**: novas alfabetizações. (reconstruindo a educação para o novo milênio). Texto não publicado e traduzido por Newton Ramos de Oliveira, Pesquisador do Grupo "Teoria Crítica e Educação", núcleo de S. Carlos (UNESP/UFSCar/CNPq). 2012.

MATTELART, Armand; \_\_\_\_\_, Michèle. **História das Teorias da Comunicação**. 9.ed., São Paulo: Loyola, 2006.

MCLUHAN, Herbert Marshall. **Mutations**. Paris: Name, 1969.

\_\_\_\_\_. Una Cándida Conversación con el Sumo Sacerdote del Pop Cult y Metafísico de los Medios. *In*: MCLUHAN, Eric; ZINGRONE, Frank. (comp.) **McLuhán, Escritos Esenciales**. Barcelona: Paidós, 1998.

\_\_\_\_\_. **Os Meios de Comunicação como Extensões do Homem**. Cultrix. São Paulo, 2003.

\_\_\_\_\_. Cultura de Massa e Cultura Tecnológica. *In*: CARPENTER, Edmund; MCLUHAN, Herbert Marshall. **Revolução na comunicação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.

MELO, José Marques de. Quem Tem Medo dos "Mass Media"?: leitura, educação e cidadania. *In*: **Revista do Cogeme**, Belo Horizonte, n. 5, p. 181-186, dez. 1994.

PASQUALI, Antonio. Um Breve Glossário sobre Comunicação e Informação: para clarear e melhorar o entendimento mútuo. *In*: MELO, José Marques de. E SATHLER, Luciano. (orgs). **Direitos à comunicação na Sociedade da Informação**, São Bernardo do Campo, SP: UMESP, 2005.



XIV  
Seminário  
Internacional  
de Educação  
no Mercosul

XI Seminário  
Interinstitucional

II Curso de Práticas  
Socioculturais Interdisciplinares

III Encontro Estadual  
de Formação de Professores  
"Conhecimento & Interdisciplinaridade"

8 a 11 de maio de 2012



RODRIGUES, Bruno. **“Check-List” Sobre a Informação na Web.** Disponível em:  
<<http://www.comunique-se.com.br/index.asp?p=Conteudo/NewsShow.asp&p2=idnot%3D35504%26Editoria%3D973%26Op2%3D1%26Op3%3D0%26pid%3D4880279881%26fnt%3Dfntnl>>. Acesso em: 05.abr.2007.